

## **NEM TUDO TEM GRAÇA: A CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO DISCURSO “HUMORÍSTICO” DE PROFESSORES DE CURSOS PRÉ-VESTIBULARES**

Larissa Giacometti PARIS

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher

**Resumo:** O presente artigo analisa, baseando-se nos conceitos de identidade e representação social de Hall (1998) e de identidade de gênero e sexual de Louro (2003, 2008), o discurso humorístico de professores de cursos pré-vestibulares presentes em dois fragmentos. Segundo Moita Lopes (2002), a escola é um dos espaços institucionais mais importantes para a construção identitária do sujeito, e, portanto, o discurso humorístico em sala de aula pode propagar, ainda mais, os discursos não oficiais que a própria sociedade, por meio de outras instituições e relações sociais, constrói. A partir da análise dos fragmentos, foi parcialmente concluído que mulheres e homens não são representados ou reconhecidos como verdadeiros e autênticos por viverem feminilidades, masculinidades e sexualidades diversas das hegemônicas.

**Palavras-chave:** identidade e diversidade, professor, discurso, humor, representação social.

### **INTRODUÇÃO**

É possível perceber que o contexto escolar é um espaço de construção de diversas identidades (de si próprio e do outro). Assim, como afirma Moita Lopes, “é de esperar que a sala de aula exerça influência na definição de como aprendemos a nos representar e a representar os outros no mundo social” (MOITA LOPES, 2002, p. 192). Consequentemente, é também no espaço escolar que as práticas discursivas desempenham um papel importante no desenvolvimento da conscientização da identidade do sujeito e da identidade dos outros.

Neste artigo, procurarei demonstrar o modo como dois professores de cursinhos pré-vestibulares, ao fazerem comentários jocosos em sala de aula, constroem identidades sociais negativas e estereotipadas. Importa esclarecer que a identidade é aqui entendida como sendo uma construção discursiva (HALL, 1998). De acordo com Woodward (2009), a identidade é relacional, pois ela é construída por meio de diferenças estabelecidas através de sistemas classificatórios e marcações simbólicas em relação a outras identidades. Desse modo, a identidade pode ser construída negativamente, por meio da exclusão e marginalização das pessoas que são definidas como “outros”.

Finalmente, o conceito de estereótipo adotado é o apregoado por Nogueira e Saavedra (2007). Para esses pesquisadores da Universidade de Minho (Portugal),

(...) os estereótipos sociais são **generalizações** acerca dos membros de certos grupos e que derivam predominantemente, ou são uma instância do processo cognitivo da categorização. (...) Os estereótipos servem, de uma forma geral, para fazer ilações acerca de grupos baseados na idade, nacionalidade, etnicidade, raça, gênero, classe social, profissão, estatura física, orientação sexual, entre outras. O primeiro objetivo dos estereótipos é o de simplificar e organizar um meio social complexo, tornando-o menos ambíguo. **Mas eles servem também para justificar a discriminação de grupos e gerar preconceitos** (NOGUEIRA, C.; SAAVEDRA, 2007, p. 13) (grifos meus).

Assim, de acordo com Possenti (1998), as piadas são um interessante corpus de pesquisa na medida em que reconhecem e confirmam estereótipos e manifestações culturais e ideológicas de uma sociedade. O autor ainda afirma que elas veiculam discursos proibidos, subterrâneos e não oficiais que estão presentes na sociedade, mas que podem ser considerados politicamente incorretos e preconceituosos.

Os dados aqui analisados foram coletados durante observação e gravação em áudio de aulas ocorridas em um cursinho pré-vestibular em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, durante os meses de maio e junho de 2012.

Vale ressaltar que esse artigo apresenta uma pequena parte de uma pesquisa que está em andamento para a realização de uma monografia de conclusão do curso de Letras, e, portanto, ainda não está finalizada. Desse modo, deixo em aberto as conclusões a respeito das análises.

## ANÁLISE DOS DADOS

### Fragmento 1

**Contextualização:** um professor de física, que estava discorrendo sobre a refração e reflexão da luz, dá um exemplo, no excerto abaixo, de refração de luz.

Professor:	quer ver um exemplo? cê tá passeando no shopping...aí cê para na frente de uma loja lá, e tinha alguma coisa lá dentro que te interessou.... a mulherada tá andando e viu aquela loja de sapato e aí parou... <b>fica lá...igual cachorro na porta de padaria [vendo o frango rodando</b> ((risos de alguns alunos))
Aluna:	((indignada)) <b>[NOssa!</b>
Professor:	fica lá vendo o sapato, pensando o que poderia comprar e tudo mais... quando você tá parada lá, mulher, olhando lá pro sapato que tá do outro lado do vidro, a vendedora que tá lá dentro da loja... ela tá te vendo fora da loja? sim ou não? ((os alunos não respondem)) SIM... isso significa o que? que a luz que tá sendo emitida pelo seu corpo tá atravessando o vidro e chegando até a vendedora... <b>certo ou errado? ((novamente, os alunos não respondem)) certo... que fenômeno foi esse? qual, classe? participa, gente, junto comigo...que fenômeno foi esse? ((os alunos continuam em silêncio))</b> fala: re-fra-ção... que fenômeno foi esse?
Alunos:	refração...
Professor:	i::sso.

O estereótipo da mulher consumista é ratificado pelo discurso do professor ao utilizar como exemplo uma situação em que uma mulher estaria observando um sapato na vitrine de uma loja, comparando, ainda, a reação da mulher com a de um cachorro ao ver um frango na porta da padaria: mulheres seriam seres humanos que têm desejos de consumo tamanho que faz com que elas se comportem como animais irracionais.

Considerando que é a forma como as diferenças entre homens e mulheres são representadas e valorizadas em discursos que constitui o que caracterizariam os gêneros masculino e feminino em uma determinada sociedade em um determinado contexto histórico (LOURO, 2003), temos assim, no excerto acima, a construção da identidade feminina como seres irracionais e consumistas. E mais: ser obcecada e irracionalmente consumista seria uma característica exclusivamente de mulheres. O professor poderia ter considerado que muitos homens também ficam obcecados por seus objetos de desejo, mas ele não faz qualquer referência a isso – ele silencia sobre um comportamento que seria semelhante para focalizar somente a mulher. Certamente há mulheres consumistas em excesso, mas, ao tomar uma parte do contingente feminino pelo todo, ele reforça o estereótipo de que apenas mulheres seriam adeptas desse tipo de comportamento. Contudo, uma mulher pode exercer sua feminilidade de diversos modos, já que as identidades de gêneros possuem o caráter fragmentado, instável, histórico e plural (LOURO, 2003, 2008).

A reação indignada de uma aluna ao dizer “**NOssa!**” também é significativa, já que ela muito provavelmente não se identificou com o estereótipo reiterado pelo professor. Assim, apesar de existir a influência do professor na construção do que é ser homem e do que é ser mulher pelos alunos, há também a resistência das minorias representadas e que rejeitam o modo como são posicionadas no discurso. O exercício de poder, como afirma Louro (2003), envolve técnicas, manobras e disposições e pode ser contestado. Mas é preciso também apontar que os demais alunos não contestam o dito pelo professor. Ao contrário, riem da sua piada, indicando que o estereótipo é possivelmente reconhecido por eles como procedente.

Finalmente, a atitude do professor de pedir para seus alunos se manifestarem, fazendo perguntas como “certo ou errado?” ao longo da explicação, pode ser entendida como um indício de que o discurso “humorístico” foi usado como estratégia para tornar a aula mais atraente, fazendo com que os alunos se sentissem mais motivados a participar e fazer perguntas durante a explicação. Entretanto, nem sempre essa estratégia produz os resultados desejados pelo professor, como sugere a transcrição desse excerto, já que os alunos continuam não participando da aula, mesmo após o exemplo supostamente engraçado ter sido proferido. Será, então, que as ratificações de estereótipos e representações sociais das minorias são realmente necessárias no discurso dos professores de cursos pré-vestibulares como ferramenta “humorística” para tornar as aulas mais dinâmicas?

## **Fragmento 2**

**Contextualização:** O excerto transcrito abaixo refere-se a uma aula dada no “Dia dos Namorados”. Ao escrever a data na lousa, o professor de história desenha um coração em volta da informação e escreve logo abaixo do desenho que fez: “**que gay!**”.

Professor: bom dia pra todos vocês... lembrando que **hoje é o dia gay**... porque hoje todos os homens estão **bichonas, sentimentais**... ((risos de toda a sala)) aqueles que têm uma namorada... se eles não estão desse jeito ‘tão fodidos ((risos de toda a sala)) **vão dormir no sofá durante O RESTO DO ANO... melhor ficar gay MESmo**... para os outros... ótimo... porque assim a gente se livra desse dia gay... ótimo.

É possível observar que, no fragmento 2, tanto aspectos do gênero masculino quanto da sexualidade hetero e homossexual foram discursivamente abordados pelo professor. Para Louro (2008), a sexualidade, assim como identidades de gênero, são construções sociais, uma vez que se constituem, historicamente, a partir de múltiplos discursos que regulam, normatizam, instauram saberes e produzem “verdades” sobre essas identidades. Vejamos que “verdades” são construídas pelo professor.

Fica evidente que, para o docente, a demonstração de sentimentos e emoções é uma característica inerente exclusivamente a mulheres e a homossexuais: observa-se que o professor utiliza como sinônimo de “**sentimentais**” a palavra “**bichonas**”, termo utilizado popularmente para nomear homossexuais de forma pejorativa e sugere que homens que não se comportarem como gays, ou seja, que não externarem suas emoções e sentimentos, deixarão de ser aceitos como parceiros das mulheres (se eles não estão desse jeito ‘tão fodidos ((risos de toda a sala)) **vão dormir no sofá durante O RESTO DO ANO... melhor ficar gay MESmo**...). A fala desse professor corrobora, assim, o que afirmam Bonomo, Barbosa e Trindade (2008, p. 4):

a construção da própria masculinidade necessita de uma certa **desvalorização da masculinidade dos outros, buscando vinculá-la à feminilidade. A ameaça, portanto, não é a mulher, mas o feminino no homem.** A auto-imagem positiva é assegurada através da produção dos estereótipos de homens e de não-homens, alicerçados no referencial ideológico do poder e da virilidade.

O argumento utilizado pelo professor em seu discurso para sustentar essa “verdade” é, como vimos, que homens gays seriam, por definição, seres sensíveis, emotivos, sentimentais. Ora, a sexualidade humana não implica a existência de padrões rígidos de comportamento: há certamente homens homossexuais que se comportam de forma muito mais próximos do estereótipo de “machão” construído pelo docente. O mesmo pode ser dito em relação às identidades de gênero. Como apreçoam os Parâmetros Curriculares Nacionais, é preciso

[...] combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum pode-se lembrar **a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas** (BRASIL, 2000, 144) (grifos meus).

É importante ressaltar que, se homens são vistos como seres humanos “insensíveis” e mulheres como “sentimentais”, isso acontece porque o oposto é visto como não desejável. Louro (2003) argumenta que mulheres e homens não são representados ou reconhecidos como “verdadeiros” ou “autênticos” se suas identidades não corresponderem

às feminilidades e masculinidades hegemônicas. Manifestações singulares de expressões diversas de masculinidade e feminilidades que não se enquadram em uma dessas formas são desconsideradas, excluídas, negadas, como faz o professor no excerto anteriormente analisado. Nesse fragmento, a masculinidade hegemônica do homem heterossexual é construída como se esse jamais apresentasse qualquer indício de sentimentalismo. Assim, todo homem que se comporta de forma oposta estaria “fora” do padrão de “homem de verdade”, já que estariam se comportando como homens homossexuais.

Além disso, é importante chamar atenção para o fato de que as identidades sexuais e as identidades de gênero, porque estão profundamente inter-relacionadas, são frequentemente confundidas (LOURO, 2003, 2008). Um homem pode exercer sua masculinidade e sua sexualidade de diversos modos. Contudo, elas não são a mesma coisa: homens sentimentais podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, por exemplo. Ambas as identidades estão sempre se construindo, são instáveis, e, portanto, podem sofrer transformações, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas sociais.

É também importante apontar que na fala do professor há o pressuposto que todas as mulheres desejariam um parceiro sentimental, emotivo, um estereótipo que evidentemente também não se sustenta: nem todas as mulheres esperam que seus parceiros assim se comportem. Mas, mesmo as mulheres que têm esse tipo de expectativa, é interessante observar que, da perspectiva do professor, elas só estariam autorizadas a “cobrar” essa atitude de seus parceiros no “Dia dos Namorados”. Desenha-se aqui uma representação das mulheres como sendo pessoas que agiriam, se não fosse pela ação da sociedade, de forma não razoável: elas seriam pessoas que tendem a fazer “cobranças” indevidas e, por isso, precisam ser disciplinadas pela ação dos outros, que lhes autorizam a fazê-las apenas em um único dia do ano.

Desse modo, o discurso do professor no fragmento 2 ratifica estereótipos que envolvem tanto as identidades de gênero quanto as identidades sexuais, construindo representações sociais hegemônicas e preconceituosas a respeito do que é ser homem heterossexual, homem homossexual, e mulher.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos nos dois excertos analisados, certas manifestações de identidades de gênero e de sexualidade são representadas como não verdadeiras e autênticas por expressarem feminilidades, masculinidades e sexualidades diversas das hegemônicas. Haveria um lugar “natural” e fixo para cada gênero e para cada sexualidade. Entretanto, Louro (1997, 2003) defende que a oposição entre homem e mulher e entre homossexual e heterossexual não são fixas e nem inerentes, já que elas são, como já dito, sócio e discursivamente construídas.

Nos dados analisados, é interessante ressaltar que a posição hierárquica ocupada pelo professor também influencia na construção identitária do aluno. Silva (2000) argumenta que todas as práticas de significação envolvem relações de poder, incluindo o poder para excluir e marginalizar, demarcar fronteiras, classificar, e normalizar. Na

relação professor/aluno, o professor detém mais poder, e suas avaliações de identidades sociais podem produzir efeitos de sentido que influenciem a construção de representações sociais preconceituosas, pois é como se, ao produzir esses discursos, o professor estaria autorizando e incentivando o uso desses mesmos preconceitos pelos alunos. Desse modo, o discurso “humorístico” em sala de aula pode propagar, ainda mais, os estereótipos que a própria sociedade, por meio de outras instituições e relações sociais, produz discursivamente.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONOMO, M.; BARBOSA, P. V.; TRINDADE, Z. L. (2008). Homens: gênero e identidade em grupos tradicionais, metrosssexuais e homossexuais no Brasil. **Revista Eletrônica de Psicologia Política** (En línea), v.9, n.17, San Luis, p. 1-22. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S166935822008000200004&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S166935822008000200004&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acessado em 10 de ago de 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (2000). **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Ed. DP&A, RJ.
- HALL, S. (1998). **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Ed. DP&A, RJ.
- LOURO, G. L. (2008). Gênero e Sexualidade - As múltiplas “verdades” da Contemporaneidade. **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, RJ. Disponível em <[http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso\\_trabalhosII/palestras/Guacira.pdf](http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Guacira.pdf)>. Acessado em 18 de maio 2008.
- LOURO, G. L. (2003). **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Editora Vozes, Petrópolis, RJ.
- MOITA LOPES, L. P. (2002). **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Mercado de Letras, Campinas, SP.
- POSSENTI, S. (1998). O discurso do humor: temas, técnicas, e leituras. In: **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Mercado de Letras, Campinas, SP.
- SILVA, T. T. (2000). A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Editora Vozes, SP, p. 73-102.
- NOGUEIRA, C.; SAAVEDRA, L. (2007). Estereótipos de Gênero - conhecer para os transformar. In: **A Dimensão de Gênero nos Produtos Educativos Multimídia**, Lisboa: Ministério da Educação - Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, p. 11-30. Disponível em <[http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/1220024513\\_03\\_SACAUSEF\\_III\\_10a30.pdf](http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/1220024513_03_SACAUSEF_III_10a30.pdf)>. Acessado em: 10 ago. 2013.
- WOODWARD, K. (2009). Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ.